



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**IRINEUMA RIBEIRO DA SILVA**

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA  
APRENDIZAGEM, A PARTIR DA COMPREENSÃO DOCENTE**

**Cajazeiras – PB  
2021**

IRINEUMA RIBEIRO DA SILVA

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA  
APRENDIZAGEM, A PARTIR DA COMPREENSÃO DOCENTE**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *campus* de Cajazeiras/PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dra. Zildene Francisca Pereira.

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)**  
**Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764**  
**Cajazeiras - Paraíba**

S586r Silva, Irineuma Ribeiro da.  
Relações interpessoais no processo de avaliação da aprendizagem, a partir da compreensão docente / Irineuma Ribeiro da Silva. - Cajazeiras, 2021.  
48f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Zildene Francisca Pereira.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2021.

1. Avaliação da aprendizagem. 2. Relações interpessoais. 3. Processo ensino-aprendizagem. 4. Educação. 5. Relação professor-aluno. 6. Avaliação. 7. Aprendizagem. 8. Processo avaliativo. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA  
APRENDIZAGEM, A PARTIR DA COMPREENSÃO DOCENTE**

**Aprovada em 14 de maio de 2021\_\_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA**

*Zildene Francisca Pereira*

---

Profa. Dra. Zildene Francisca Pereira  
(UAE/CFP/UFCG - Orientadora)

*Edinaura Almeida de Araújo*

---

Profa. Dra. Edinaura Almeida de Araújo  
(UAE/CFP/UFCG- Examinadora)

*Luisa de Marillac Ramos Soares*

---

Profa. Dra. Luisa de Marillac Ramos Soares  
(UAE/CFP/UFCG- Examinadora)

---

Profa. Dra. Maria de Lourdes Campos  
(UAE/CFP/UFCG- Suplente)

Dedico esta pesquisa as minhas filhas Emily  
(sete anos), e Sophia, (dois meses).  
Esperando que não somente minhas filhas,  
mas todas as crianças e jovens não mais vivenciem  
a avaliação enquanto julgamento definitivo, mas como ato amoroso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu força, inspiração e sabedoria para concluir mais essa fase de minha vida.

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais Raimunda Emília e Sebastião, por sempre me apoiar em meus sonhos e projetos, por acreditar em mim e me incentivar a seguir com meus estudos.

Agradeço ao meu esposo Enio Andrade, por toda ajuda financeira para manter minha permanência no curso e pelas palavras de incentivo.

Agradeço a minha sogra Antônia, por cuidar com zelo de minha filha Emily para que eu pudesse viajar até Cajazeiras todas as noites para estudar.

Agradeço as professoras que aceitaram participar das entrevistas e tornaram essa pesquisa possível.

Agradeço a professora Zildene pela orientação na produção do TCC e pelo acolhimento desde o início do curso em 2015, contribuindo em minha formação profissional e humana.

Agradeço ao professor Wiama de Jesus, por me ensinar que devo sempre lutar para superar minhas próprias limitações.

Agradeço ao professor Dorgival, que com a filosofia me ensinou que tudo deve ser questionado.

Agradeço à professora Marillac por contribuir com seu conhecimento sobre relação interpessoal, o que foi essencial para a produção dessa pesquisa.

Agradeço aos meus amigos e parceiros de estudo, Érika e Júnior Parnaíba.

Por fim, agradeço aos meus demais colegas e professores que de maneira direta ou indiretamente contribuíram em minha formação pedagógica dividindo comigo seus conhecimentos.

*“O mandamento  
‘ama o teu próximo como a ti mesmo’  
implica o ato amoroso que, em primeiro lugar,  
inclui a si mesmo e, nessa medida,  
pode incluir os outros.”*

*(LUCKESI, 2011a, p. 204)*

## RESUMO

Este trabalho teve como problema de pesquisa: Como/se a relação interpessoal entre professor-aluno interfere no processo de avaliação da aprendizagem? Tem como objetivo geral analisar como as relações interpessoais interferem no processo avaliativo nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, a partir do entendimento docente. Os objetivos específicos estão assim descritos: investigar o que professores entendem por relações interpessoais e avaliação da aprendizagem; compreender como/se os professores estabelecem ligações entre as relações interpessoais e o processo avaliativo na prática docente e identificar quais critérios professores utilizam na realização da avaliação da aprendizagem dos alunos. Dentre os principais autores que fundamentaram o referencial teórico estão: Leite (2010), Luckesi (2011), Madalena Freire (1992) e Vasconcellos (2014). Utilizamos a abordagem qualitativa para a realização da pesquisa. Com relação aos instrumentos de coleta de dados, empregamos a entrevista semiestruturada com três professoras lotadas em escolas públicas no município de Barro/CE. Os dados foram analisados seguindo os princípios da análise de conteúdo, na modalidade temática, fundamentada em Minayo (1998). Os principais resultados da pesquisa, a partir das respostas das entrevistadas, foram a afirmativa de existir ligação entre a relação interpessoal e o processo avaliativo e que as relações interpessoais interferem na avaliação da aprendizagem, pois as docentes apontaram já terem vivenciado tal realidade. Além disso, demonstrou-se que essas relações interpessoais se definem, muitas vezes, pelo modo como o(a) professor(a) utiliza a avaliação e também pelo comportamento do aluno em sala de aula.

**Palavras-chave:** Avaliação da aprendizagem. Relações Interpessoais. Processo de ensino-aprendizagem.

## ABSTRACT

This monograph had as its research problem the following question: How/if the interpersonal relationship between teacher and student interferes in the learning evaluation process? The work has the general objective of analyzing how interpersonal relationships interfere in the evaluation process in the early years of Elementary School, based on the teaching understanding. The specific objectives are described as follows: to investigate what teachers understand by interpersonal relationships and learning evaluation; to understand how/if teachers establish links between interpersonal relationships and the evaluation process in teaching practice and to identify which criteria teachers use in the assessment of students' learning. Among the main authors that support the theoretical reference are: Leite (2010), Luckesi (2011), Madalena Freire (1992) and Vasconcellos (2014). In order to carry out the research, a qualitative approach was used. As to the instruments of data collection, we used the semi-structured interview with teachers working in public schools in the city of Barro/CE. The data were analyzed following the principles of the content analysis, in the thematic modality, based on Minayo (1998). The main results of the research, based on the responses of the interviewed teachers, were the statement that there is a connection between the interpersonal relationship and the evaluation process and that interpersonal relationships interfere in the evaluation of the learning process. The teachers pointed out that they had already experienced such a reality. In addition, it has been shown that these interpersonal relationships are often defined by the way the teacher uses assessment and also by the student's behavior in the classroom.

**Keywords:** Learning assessment. Interpersonal Relations. Teaching-learning process.

## **LISTA DE SIGLAS**

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio

CFP – Centro de Formação de professores

REUNI - Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>SOBRE RELAÇÕES INTERPESSOAIS E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM BREVE DIÁLOGO PARA INICIAR A DISCUSSÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Relações Interpessoais: coexistência do eu e do outro</b> .....	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Avaliação da aprendizagem escolar</b> .....	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>Relações interpessoais e Avaliação da aprendizagem: caminhos que se cruzam</b> .....	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>27</b>
<b>3.1</b>	<b>Instrumentos de Coleta de Dados</b> .....	<b>27</b>
<b>3.2</b>	<b>Procedimentos Éticos</b> .....	<b>29</b>
<b>3.3</b>	<b>Lócus e sujeitos da pesquisa</b> .....	<b>29</b>
<b>3.4</b>	<b>Análise dos dados</b> .....	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS VOZES DE PROFESSORAS</b> .....	<b>32</b>
<b>4.1</b>	<b>Avaliação da aprendizagem e relações interpessoais em sala de aula: dilemas e perspectivas preponderantes para o debate.</b> .....	<b>33</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>44</b>
	<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>45</b>
	<b>ANEXO A</b> .....	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Para ser minimamente comprometido com o conhecimento, não se pode distorcer a realidade para que ela justifique nosso ponto de vista, sob pena de não realizarmos uma investigação.*

*Luckesi (2011b)*

Este momento de escrita da monografia tem a função de informar a todos que o lerem sobre minha vida acadêmica, além de mostrar meu percurso até ingressar na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e os motivos que me levaram ao desejo de pesquisar sobre a possível interferência das Relações Interpessoais no processo de Avaliação da Aprendizagem.

Sou Irineuma Ribeiro da Silva, nasci no ano de 1989, na cidade de Barro, interior do Ceará, de uma origem humilde e filha de agricultores. Tenho oito irmãos e sou a mais jovem dos nove filhos. Tive uma infância feliz, apesar das dificuldades financeiras, sempre tive o mais importante, pais presentes e amorosos, que me deram exemplos valiosos, os quais me acompanham até hoje.

Sempre estudei em escolas públicas e mesmo sem estímulos suficientes nas escolas pelas quais passei, mantive um bom desempenho nos estudos. Ao final do Ensino Médio, precisei trabalhar, pois meus pais não podiam arcar com as despesas de um Curso Superior. Conheci meu esposo e tivemos nossa filha, mas meu desejo de seguir com os estudos continuava vivo. Quando minha filha completou seu primeiro ano de vida, fiz a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Matriculei-me no curso de Pedagogia à distância, mas durante o primeiro período recebi uma ligação me informando que eu havia conseguido uma vaga, minha tão sonhada vaga, no Curso de Pedagogia na UFCG, no Centro de Formação de Professores (CFP).

O primeiro período foi uma fase de adaptação devido ao longo período que passei afastada dos estudos, mas nada me faria desistir. É importante destacar a importância de ter sido contemplada com uma Bolsa de Auxílio pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o que me proporcionou dar continuidade e permanecer no Ensino Superior. Quanto mais obstáculos no caminho, mais força encontrava e encontro para seguir em frente com meu objetivo que é dar continuidade em meus estudos. Esse tempo na universidade muito tem contribuído em transformações pessoais, capacitação para atuar na Educação Infantil e refletir com criticidade sobre as relações sociais nas quais interajo.

Cada professor deixou um pouco de si, cada disciplina me mostrou novas possibilidades, aprendizagens e algumas em especial me direcionaram para meu objeto de pesquisa para a conclusão do curso. A disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação I e II, a disciplina de Teorias da Educação e a disciplina de Avaliação da Aprendizagem, em especial me trouxeram provocações e inquietações diversas.

Considerando minha história de vida pessoal e acadêmica é que surgiu o questionamento para iniciar à pesquisa e foi delineado da seguinte forma: Como/se as relações interpessoais estabelecidas em sala de aula interferem no processo de avaliação da aprendizagem. O objetivo geral da pesquisa foi: analisar como as relações interpessoais interferem no processo avaliativo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, a partir do entendimento docente. E os objetivos específicos: investigar o que professores entendem por relações interpessoais e avaliação da aprendizagem; compreender como/se os professores estabelecem ligações entre as relações interpessoais e o processo avaliativo na prática docente e identificar quais critérios professores utilizam na realização da avaliação da aprendizagem dos alunos.

Mediante a persistente prática da avaliação escolar excludente, percebi que há lacunas no processo de ensino-aprendizagem que necessitam ser devidamente compreendidas, pois por meio desta compreensão, a busca por melhorias efetivas, tanto no ensino, quanto nas relações do ínterim da sala de aula, se torna possível. Esse modelo avaliativo tão usual no ensino tradicional e defendido como sendo uma prática que garante qualidade de ensino/aprendizagem, apresenta discrepâncias entre o que é pregado e a realidade vivenciada no cotidiano escolar.

Considerando que a avaliação tradicional assume uma postura autoritária, quantitativa, classificatória e excludente, esta pesquisa se concentra nas possíveis influências das relações interpessoais sobre a prática avaliativa de docentes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que vários autores defendem que a avaliação é uma das causas de traumas e afastamento de alunos da escola.

É imprescindível que o professor compreenda a avaliação em sua totalidade, qual o seu real objetivo, para estabelecer a melhor relação possível com o alunado e usar a avaliação a favor de seu trabalho e da aprendizagem escolar dos alunos, pois a avaliação é fundamental para o acompanhamento do desenvolvimento do estudante, enquanto função diagnóstica do aprendizado e não como um recurso para temORIZAR e impor autoridade diante os alunos.

É sabido que para viver nesse mundo caótico e, por vezes, agir no automático para dar conta de tudo, é mais comum do que se imagina, mas com isso se perdem muitos detalhes. Na

sala de aula, o docente, lida com diversas singularidades e subjetividades. Quando detalhes importantes passam despercebidos, abre-se espaço para a exclusão e a invisibilidade do aluno. Indo mais além, cai-se no erro de repetir práticas impensadas, reproduzindo um sistema que está posto, sendo levado na maré do engano. Na maré do julgamento e do não acolhimento das distinções existentes na sala de aula.

Pensando nas peculiaridades vivenciadas em sala de aula é que organizei a monografia levando em consideração os seguintes capítulos. No primeiro capítulo apresento uma breve introdução da minha chegada à Universidade e os percursos para se delinear a pesquisa tão almejada nos meus momentos de estudos.

No segundo capítulo, apresentamos o conceito de relações interpessoais a partir das ciências humanas e sociais, tentando explicar essas relações nos grupos, mais especificamente na escola. Temos, ainda, a discussão sobre a avaliação da aprendizagem, buscando estabelecer um diálogo para entender como se estruturou o entendimento de exame, a resistência diante as mudanças de conduta na prática avaliativa e como a avaliação serve tanto ao aluno para conhecer suas potencialidades e dificuldades, como ao professor para verificar a aprendizagem do aluno e seu próprio método de ensino para tornar o processo de ensino-aprendizagem satisfatório para todos os envolvidos.

No terceiro, temos o capítulo metodológico em que destacamos a abordagem utilizada para a realização da pesquisa, que foi a qualitativa, o instrumento para a coleta de dados que se deu por meio de entrevista semiestruturada, a descrição de como seguimos os procedimentos éticos estabelecidos, ainda a descrição do lócus e dos sujeitos envolvidos e por fim, explicamos como se dá o passo a passo da análise dos dados.

No quarto temos a análise dos dados que foi pautada no seguinte item: 4.1 Avaliação da aprendizagem e relações interpessoais em sala de aula: dilemas e perspectivas preponderantes para o debate. Neste momento destacamos a compreensão das professoras participantes da pesquisa, acerca do que entendem sobre as relações interpessoais vivenciadas em sala de aula, os dilemas e as perspectivas relacionadas ao processo avaliativo dos alunos.

E, por fim, nas considerações finais pudemos verificar que a persistente prática avaliativa autoritária e excludente afasta o aluno do professor, assim como o comportamento do aluno, que apresenta qualidades negativas, influencia no juízo de valor que o professor tem do aluno.

## 2 SOBRE RELAÇÕES INTERPESSOAIS E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM BREVE DIÁLOGO PARA INICIAR A DISCUSSÃO

*A nossa tarefa na escola não é aprovar ou reprovar e sim garantir as condições para a efetiva aprendizagem e desenvolvimento de todos!*

*Vasconcellos (2014)*

O diálogo com a teoria estudada para a elaboração da monografia foi estruturado em três tópicos, a saber: as relações interpessoais; a avaliação da aprendizagem e as interferências das relações interpessoais no processo de avaliação. Podemos afirmar que a pesquisa, surgiu mediante inquietações com relação a persistente prática ameaçadora, autoritária e seletiva de professores(as) no ato de avaliar.

Com isso, o estudo busca tornar possível a reflexão sobre maneiras como as relações interpessoais se consolidam no espaço escolar e, mais especificamente, na sala de aula entre professor-aluno buscando por meio desta, proporcionar melhorias no processo de ensino-aprendizagem na vivência escolar do alunado, assim como dos docentes.

Na primeira parte, será apresentado o conceito das relações interpessoais. Para tal, recorreremos aos seguintes autores: Madalena Freire (1992), em *O que é um grupo*, onde a autora irá tratar dos grupos sociais dos quais o ser humano faz parte durante sua vida. A autora aborda como, dentro desses grupos cada pessoa tem seu papel definido, que as pessoas recebem características de outros, assim como também dão de si para esses outros e como é comum condenar posturas identificadas nesse outro como sendo uma maneira de negar características do próprio eu, mas que são suprimidas. Ainda apresentaremos as contribuições de Habowski (2018), apresentando *A perspectiva da alteridade na educação*, como sendo fundamental ao processo educativo, a prática da alteridade enquanto princípio para a compreensão das diferenças, bem como estudos de Leite (2010), conceituando as relações interpessoais nas ciências humanas e sociais.

Na segunda parte, os livros que embasaram nossas leituras foram: Didática de Libâneo (1990), no qual o autor vai defender a avaliação como um recurso de verificação dos progressos e dificuldades dos alunos e que orienta o trabalho do professor, além de cumprir função pedagógico-didática, diagnóstica e de controle sistemático da qualidade dos resultados. Vasconcellos (2014), com *Avaliação classificatória e excludente e a inversão fetichizada da função social da escola*, em que o autor faz sérias críticas ao modelo avaliativo que classifica, exclui, distorce a prática pedagógica, desvia os objetivos da avaliação, além de

envolver questões éticas. E os livros de Luckesi, que serviram de embasamento para a pesquisa, foram: *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico* (2011b), no qual propõe a compreensão para os educadores sobre a avaliação como parte do ato pedagógico. Para o autor, a avaliação, o planejamento e a execução compõem o ato pedagógico. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições* (2011a), em que o autor apresenta o histórico sobre o surgimento do termo avaliação da aprendizagem, justificando a causa da resistência nas mudanças que estudiosos têm sugerido na prática avaliativa.

A terceira parte está focada nas implicações ou interferências das relações interpessoais no processo de avaliação da aprendizagem, buscando aporte teórico em Leite (2010), em *Introdução à psicologia escolar*, no qual apresenta a realidade do sistema de ensino e as relações interpessoais entre professor-aluno. Também é válida a contribuição de Luckesi (2011a), capítulo XII, ao abordar sobre a avaliação como ato amoroso, o que servirá também para introduzir o tema central da pesquisa que é a relação interpessoal na avaliação. Assim o autor trata da avaliação enquanto acolhedora do que é realidade, como sendo condição necessária ao processo de ensino-aprendizagem, acolher o que é verificável na avaliação do aluno para, a partir, de tal realidade se pensar em maneiras de melhorar o desempenho do aluno, indo contra a avaliação pautada no julgamento do erro sem pensar em formas de solucionar as falhas do percurso. Freitas (2003), com *A lógica da avaliação*, apresenta três componentes da avaliação em sala de aula, contribuindo com a discussão sobre as interferências das relações interpessoais na avaliação, uma vez que, expõe o componente “valores e atitudes”, que está predominantemente no campo informal da avaliação pautada no juízo de valor que o professor tem sobre o aluno.

## **2.1 Relações Interpessoais: coexistência do eu e do outro**

Ninguém nasce pronto. Se pararmos para analisar as condições em que chegamos ao mundo, veremos que nascemos inacabados e isto nos coloca em situação/condição de dependência total de outros para sobreviver e esses outros deixam marcas em nós desde então, seguindo conosco por toda vida. O ponto principal a ser levado em consideração é que, ainda, depois de adultos continuamos no estado de constante inacabamento.

Vivemos em constante troca, nos doando e recebendo a doação do outro, que pode ser diferente de nós ou igual em alguns aspectos. Segundo Madalena Freire (1992), vivemos

sempre em grupo, porque vivemos povoados por outros que contribuem com a construção de nossa identidade, pois

Em termos gerais, a influência deste grupo interno permanece inconsciente. Algumas vezes só no esquecimento (preconsciente) e não nos damos conta que estamos repetindo, reproduzindo estilos, papéis, que têm que vir com vínculos arcaicos onde outros personagens jogam por nós. (FREIRE, 1992, p. 60)

Insistimos em recusar o outro, mas a verdade é que somos constituídos pelos muitos outros com quem nos encontramos, nos vários grupos em que estamos ou já estivemos incluídos. Não nos bastamos, e é por isso que, ainda, depois de adultos continuamos no estado de inacabamento, refletindo em nossas ações e atitudes esses outros que influenciaram/influenciam em nossas ações.

Em todo lugar seremos alguém em contato com outros, de alguns não nos aproximamos, outros nos despertam empatia, simpatia, sentimentos de amizade. O ponto é que mesmo dos quais sentimos antipatia, ainda esses, de alguma maneira depositam algo em nós. Rejeitamos porque pode ser que esse algo esteja em nós, numa parte nossa que tentamos não mostrar ao mundo, o que nos faz projetar características do eu no outro. Segundo Freire (1992, p. 62) “Através do mecanismo de projeção nos livramos de aspectos nossos que nos desagradam, pois não admitimos que também fazem parte de nós.”

Para estar dentro dessas relações é preciso abandonar a posição de indivíduo, pois “[...] indivíduo é alguém que é um, uno, indiviso em si mesmo, mas que é separado, isolado, de todo o resto” Guareschi (1998, p. 152). Ainda segundo o autor, o ser humano não pode viver isolado, nem ser limitado à condição de ser “parte de um todo”, a compreensão do ser humano, a partir da concepção totalitária - coletivista do mundo - onde o ser humano passa a ocupar o anonimato, ser mais um número do sistema. Já o conceito de pessoa apresentado pelo autor passa uma imagem de pessoas abertas para as relações com outras pessoas que dentro dessas relações agem com ética e justiça. Para isso é preciso saber os próprios limites para respeitar o limite do outro.

É como na alteridade, quando exercitamos compreender as situações vivenciadas a partir da compreensão do outro, é um exercício difícil, uma vez que nos tira da zona de conforto, na tentativa de se colocar no lugar do outro. É entender as distinções existentes e acolher sem deixar que as atitudes se sobressaiam ao ser humano.

Para Guareschi (1998), “[...] o ser humano permanece sempre um mistério.” Contudo, para o autor, mistério não é algo que não possa ser compreendido, mas que não pode ser compreendido por completo. Na tentativa de compreender o ser humano, alguns conceitos

foram pensados: 1. o ser humano enquanto indivíduo isolado de todo o resto, que cuida de si e é o único responsável pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso, esta concepção exalta o individualismo. 2. O ser humano como parte de um todo, é a massificação, condição que diminui o ser ao anonimato, tornando o ser em um número do sistema, em mais uma peça no tabuleiro. 3. E, por fim, o conceito do ser humano como pessoa, que é relação, unidade que depende do outro para alcançar a completude.

Essa breve explanação sobre o ser humano se faz necessária para a melhor compreensão do tema central que será desenvolvido a seguir. É sabido que cada ser tem características que são únicas, todo ser é singular e tem subjetividades, mas, é imprescindível compreender que ninguém vive isolado, que o outro com suas distinções faz parte da construção do eu. O eu e o outro, se constituem na coexistência, na troca de experiências.

Logo, os seres humanos, convivem uns com os outros e estabelecem relações entre eles. São elas, as relações interpessoais, tema, que segundo Leite (2010), tem despertado interesse em pesquisas atualmente porque, acredita-se que estas interferem na qualidade de vida dos indivíduos. Os campos das ciências sempre buscaram compreender o homem, mas este sempre foi observado no individual ou como parte integrante de um grupo social maior. Assim,

[...] a Sociologia ocupou-se muito mais dos grandes que dos pequenos grupos; a Psicologia sempre deu maior atenção ao indivíduo considerado isoladamente, que ao indivíduo participante de uma dupla ou de uma tríade; a filosofia da educação ora se volta para o indivíduo, ora para a sociedade, quase nunca para o problema do indivíduo em contato direto com seus semelhantes (LEITE, 2010, p. 301).

Logo, as relações interpessoais não se referem ao sujeito no individual nem aos grupos sociais, mas a relação direta que se estabelece entre o *eu* e o *outro*. Embora a relação interpessoal não seja foco de estudo nas já citadas, Psicologia, Sociologia e Filosofia da Educação, e seu conceito enquanto conhecimento sistematizado seja ainda recente, as pesquisas sobre este tipo de relacionamento entre os indivíduos tem se ampliado, destacando-se a possibilidade de interferências que a mesma pode exercer na qualidade de vida dos sujeitos, continua Leite (2010).

Como em toda relação, nas relações humanas contém ética. Com isso, deve-se prevalecer o respeito ao outro enquanto ser epistemológico e a prática do diálogo, ato de falar e ouvir atentamente, como constituinte do ser humano, que necessita conviver com outras pessoas, nos chamados grupos e assim construir sua identidade a partir da alteridade. Segundo

Freire (1992, p. 59), “[...] pode-se falar em grupo quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúne em torno de uma tarefa específica”. Dentro desses grupos é possível a experiência do conviver com o outro, de praticar a alteridade e assim construir o eu.

Ainda segundo a autora, ser grupo é mais que ser um amontoado de pessoas, é agir em defesa do interesse uns dos outros. Como no grupo familiar, onde cada pessoa tem sua subjetividade, é singular, mas é possível conviver, respeitar e agir pensando no bem de todos os integrantes.

Quanto aos demais grupos, como igreja, escola e etc., é ainda mais comum que diferenças e distinções se sobressaiam. Essa maior evidência, pode tornar o encontro do *eu* com o *outro*, uma situação de conflito. Uma vez, que os sentimentos surgem dentre essas relações, e nem sempre serão de simpatia mútua, podendo estabelecer-se entre os sujeitos relações de antipatia, o que pode vir afastar os envolvidos. Em ambos os casos é possível afirmar que existe relação, mas o fato é que esse “[...] encontro com o *outro* é precedente a toda e qualquer teoria, palavra, pois é, nesse encontro que surge a leitura do mundo e a abertura ao (re) conhecimento do distinto.” (HABOWSKI, 2018, p. 184). Estaremos sempre tropeçando no outro, não importa o espaço, o grupo, o tipo de sentimento que um despertará no outro, ambos sempre estarão em reconstrução por meio da existência do outro.

## 2. 2 Avaliação da aprendizagem escolar

A avaliação da aprendizagem é um termo ainda recente e de acordo com Luckesi (2011a), apenas por volta da década de 70 é que se iniciaram as discussões sobre o tema no Brasil, trazendo um conceito de diferenciação entre avaliação e exames. O conceito até então equivocado de exames classificatórios como sendo avaliação, é uma realidade da escola. Desse modo,

Desde sua gênese como instituição universalizada para o povo (final do século XVIII), [...] a escola incorpora uma forma de organização que traz embutida a lógica seletiva: assume-se que a tarefa do professor é transmitir o conteúdo e medir sua retenção pelo aluno, tendo subjacente a concepção de que nem todos são capazes ou merecedores, que alguns “vão” e outros não (de acordo com sua *livre iniciativa*, em consonância com o ideário liberal então emergente). A escola destina-se “obviamente”, “aos que vão”. (VASCONCELLOS, 2014, p. 42)

O sistema já tratou de definir o papel do professor, de tornar normal na mente popular a separação dos alunos em “bons e ruins” por meio da ideologia da meritocracia. Ideia que sustenta a exclusão no interior da escola, prática, infelizmente, muito usual até os dias de hoje, pois os estereótipos criados pelo sistema, ao que aparenta, tiveram aceitação pública.

Não querendo causar interpretações equivocadas, vale salientar que a intensão não é de desvalorização da avaliação, mas como vem sendo praticada historicamente na escola a partir – principalmente – da emergência da modernidade e sistematização de exames escolares de modo superficial e classificatório. Tal prática se solidificou com o tempo, ganhou força, aceitação pública e legitimidade.

A escola, perversamente classifica alunos e os reprovam com o falso discurso de que isso é algo para o seu bem. Mesmo diante do alto número de reprovação e de exclusão escolar, quando se fala em mudanças no modo de avaliar, é notável a resistência, seja por parte da escola, dos professores, das famílias e até mesmo por parte dos alunos.

Tal resistência vem da legitimidade da escola moderna e sua prática de já quinhentos anos em vigência, principalmente se tratando de avaliação, tema tão padronizado culturalmente, que nem é na maioria das vezes algo a ser questionado, repensado, analisado mais cuidadosamente sobre sua legítima função. Com isso, os professores seguem reproduzindo a mesma prática, como um vício incurável, deixando de exercer seu papel fundamental, que é de formador, limitando-se a classificador.

Vasconcellos (2014) cita a necessidade de classificar os alunos entre bom ou ruim, apto ou inapto, recorrendo a Paulo Freire, em a *Pedagogia do Oprimido* sobre existir dentro do oprimido, hospedado, um opressor, confirmando o pensamento de Freire. A explicação para a necessidade de tal classificação que se faz do outro é ideológica. Atitude esta, antagônica a função do educador. Esta prática de classificar os alunos acaba por gerar outros problemas, pois apesar de os educandos estarem incluídos na escola, estão apenas formalmente, pois o que ocorre com frequência é a exclusão dos considerados inaptos.

Uma vez excluído, o educando é tratado como “coisa descartável” (VASCONCELLOS, 2014) Tem sua aprendizagem comprometida, pois lhe é negado o direito subjetivo de acesso ao saber escolar. Seu destino é traçado pela demonstração de falta de interesse nos conteúdos, pouca participação em atividades e indisciplina em sala de aula, o que o citado autor, define por avaliação de conteúdos atitudinais. Pouco se pensa sobre os reais motivos para tais atitudes. Nesse contexto histórico e social, a avaliação é distorcida e utilizada para finalidades afins que em nada se aproxima de sua real função.

Na avaliação, enquanto processo formativo, o que irá predominar é a compreensão por parte do professor, de que, avaliar o aluno não se limita a atribuição de notas que são adquiridas por meio de exames, provas, trabalhos, ou seja, tudo que é palpável. Não que esses instrumentos devam ser desconsiderados dentro da verificação da aprendizagem do aluno. O ponto chave é que a avaliação não se limita somente a parte instrumental, não é compreendida como um fim, mas como um processo contínuo.

Para que se alcance essa visão sobre a avaliação, o professor precisa empenhar-se em adquirir algo fundamental, o conhecimento, que é “[...] um recurso de ação eficiente tanto no desvendamento quanto na solução de impasses, dificuldades e resistências; isto é, oferece fundamentos para uma ação produtiva” (LUCKESI, 2011b, p. 166). Logo, o professor com preparo suficiente terá eficiência em sua ação docente e sustentará sua ação com base em seus conhecimentos.

Não será de difícil aceitação para um professor revestido de conhecimento que a avaliação é algo mais complexo que a realização de provas. Como nos afirma Libâneo (1990, p. 195) “A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.” Com isso, pode-se compreender que avaliação é a verificação dos progressos e dificuldades do aluno, mas, além disso, serve para reorientar o trabalho do professor, para garantir que as metas inicialmente estabelecidas sejam alcançadas.

Portanto, a avaliação serve ao professor tanto quanto ao aluno se compreendida como componente do ato pedagógico. Assim, entender o que é avaliação e como se dá a avaliação na escola, exige do professor conhecimento histórico e crítico. Além de reflexão e humildade para reconhecer que a avaliação serve tanto para verificar a aprendizagem do educando, quanto, para orientar o trabalho docente, nas tomadas de decisões, como, quando avançar ou quando é preciso retomar conteúdos não compreendidos pelos educandos.

Por isso, é primordial conhecer os tipos de avaliação, além de saber como e quando utilizá-las. A avaliação pode ser diagnóstica, formativa e somativa. Cada uma delas tem objetivos próprios e acontece em momentos distintos, o que prova que a avaliação deve acontecer durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Na avaliação diagnóstica, o objetivo inicial é conhecer a realidade de cada estudante para o preparo de uma nova etapa da aprendizagem, é quando se ouve o professor falar de investigar os conhecimentos prévios dos alunos. Essa avaliação pode ocorrer posteriormente, durante o processo de ensino-aprendizagem uma vez que possibilita identificar dificuldades

dos educandos, possibilitando ao educador reorganizar seu trabalho. A finalidade desta avaliação é auxiliar o planejamento da ação docente para garantir um ensino mais efetivo.

A avaliação formativa deve acontecer durante todo o processo anual de ensino-aprendizagem e tem a função de controlar as aprendizagens, com a observância dos objetivos pré-estabelecidos, se estão sendo alcançados. Além disso, orienta os estudos dos alunos e a ação docente, permite a identificação de deficiências no ensino e redireciona o trabalho didático.

Por fim, a avaliação somativa deve ser realizada ao final de cada unidade de ensino, pois, verifica o rendimento de cada educando classificando os níveis de acordo com suas aprendizagens verificadas pela obtenção de notas que mostrarão os resultados individuais.

A avaliação como tal, deve ser entendida como algo bom para o desenvolvimento humano, uma vez que, como assevera Vasconcellos (2014), ajuda o sujeito a tomar consciência de seus acertos e erros, além de perceber suas potencialidades. O educando tem a possibilidade de se conhecer profundamente por meio da avaliação, seus acertos elevam a autoestima e passa confiança para aquisição de novas aprendizagens.

Não é tarefa do professor, julgar os erros que o aluno possa ter cometido, mas de acolher o erro, pensando em maneiras de o aluno superá-los, pois de acordo com Luckesi (2011a, p. 205), “O acolhimento integra, o julgamento afasta”. Esse acolhimento é fundamental dentro desse processo, pois inspira ao aluno confiança no professor. O professor deve se preparar para estar em sala de aula, para evitar cometer equívocos, para superar ideologias, para enxergar o aluno e a si mesmo além dos estereótipos.

Podemos enfatizar que o professor é o profissional que acolhe o outro, que compreende que seus alunos e ele próprio, são seres inacabados, sempre em construção, com capacidade de aprender e se refazer. O professor que acolhe o aluno demonstra pré-disposição para direcionar suas potencialidades e efetivar a essência humana de ser mais (FREIRE, 1998).

É imprescindível deixarmos claro a função da escola e do professor, pois podemos dizer que é garantir as condições necessárias para que a aprendizagem dos educandos seja efetiva e possam se desenvolver. Porém, é necessário tornar a escola espaço de construção do saber, de igualdade, de acolhimento das potencialidades e subjetividades para que este espaço não seja meramente reprodutor de estereótipos que a própria sociedade rotula, entre aqueles que conseguem aprender e aqueles que não conseguirão.

### 2. 3 Relações interpessoais e Avaliação da aprendizagem: caminhos que se cruzam

Analisando as relações entre professores e alunos, é possível perceber que pouco se tem atentado sobre as interferências das relações interpessoais estabelecidas em sala de aula na prática docente. Embora as relações interpessoais seja algo que não possa se ensinar (LEITE, 2010), a escola pode proporcionar em situações cotidianas, nas resoluções de conflitos por meio do diálogo, ensinar caminhos com atitudes e exemplos de como construir relações entre pessoas por meio do acolhimento do que difere.

A grande dificuldade dos professores é conseguir enxergar a singularidade de cada aluno. Uma das possíveis causas talvez seja o grande número de alunos distribuídos por sala de aula, pois

Na grande maioria dos casos – quando pensamos na situação da sala de aula -, o educando não tem possibilidades de se identificar corretamente. Em primeiro lugar, num processo educativo feito para o grande número, é mais ou menos provável que se passe despercebido pelos professores, a não ser que se coloque nos casos extremos [...] os outros são ignorados ou colocados “no grupo”, como figuras indistintas ou imprecisas. (LEITE, 2010, p. 310)

Os professores acabam por perceber a presença dos alunos que mais se evidenciam, sejam os que demonstram as qualidades intelectuais ou os que demonstram desprezo por estas. Gerando a partir dessas posturas do educando, sentimentos de empatia ou de antipatia por parte do professor para com o aluno. Quanto aos alunos que não fazem parte de nenhuma das duas situações, estes, permanecerão despercebidos pelo professor. O comum é que os alunos em destaque se empenhem cada vez mais para demonstrar suas qualidades, sejam elas “positivas ou negativas”, e os despercebidos podem nunca vir a demonstrar suas qualidades.

Outra possível causa de os professores não conseguirem enxergar a singularidade de cada aluno é que acabam por vezes, influenciados pelo sistema escolar, que ao homogeneizar o ensino e utilizar de uma avaliação padrão para todos os alunos, cria a falsa concepção de que os alunos são todos iguais, esperando que todos demonstrem a mesma qualidade intelectual. Qualidade esta, já preestabelecida pela escola e determinada como sendo a única de valor.

Diante de tal realidade do sistema educacional pensado para um grande número de alunos concentrados por sala de aula e a tentativa de homogeneizar esses alunos, em ambas as situações, o professor acaba por classificar os alunos, criando uma divisão em sala de aula

que, conseqüentemente, irá estabelecer aproximação com os “bons alunos” e o afastamento dos “maus alunos”.

Os sentimentos de simpatia ou antipatia, advindos das relações interpessoais entre professor-aluno, acontecem de maneira inconsciente, mas segundo Leite (2010), o que o professor precisa é buscar em cada aluno suas qualidades positivas, provocando com isso o seu desenvolvimento. Assim, o professor estará respeitando as subjetividades de cada aluno e exercitando a ética que deve prevalecer em sua prática docente, principalmente na avaliação das aprendizagens do aluno. Tornando sua postura, diante aos alunos, a mais ética possível, não se deixando influenciar por sentimentos pessoais.

Vale ressaltar que, o profissional que não age com ética, está propenso a agir de maneira injusta. Então, pensemos nas crianças e adolescentes injustiçados constantemente no espaço escolar. Ponhamos em foco os invisíveis e os que demonstram qualidades consideradas inadequadas pela escola, com seus talentos e qualidades que estão por ser enxergadas e reconhecidas e que perversamente têm seus potenciais mortos todos os dias um pouco mais.

O professor exercendo de sua autonomia enquanto educador, dentro da sala de aula, deve, é sua obrigação enquanto educador, acolher essas qualidades distintas e saber que o simples fato de acreditar nelas já é o começo para agir com ética e fazer justiça.

Para amenizar essa situação de anonimato e de homogeneização dos alunos, uma boa alternativa é pensar a sala de aula como um grupo, onde todos com suas subjetividades e singularidades, praticam o enxergar o outro de maneira respeitosa e com acolhimento. Para ser grupo é preciso que todos desempenhem seu papel e pensem uns nos outros de maneira até protetora, como afirma Madalena Freire (1992).

Assim como em uma família – grupo primário – todos se aceitam como são e agem influenciados sob o instinto protetor. A escola, apesar de ser um grupo secundário, não é e não deve ser visto de forma diferente, ou não deveria ser no que diz respeito ao comportamento de um grupo. Todos os seus integrantes precisam pensar de maneira coletiva, respeitando, aceitando e protegendo uns aos outros.

Um bom exemplo é a equipe de profissionais da educação agindo em prol de garantir aos seus alunos uma educação de qualidade, com atitudes pautadas no respeito e no diálogo. Principalmente, no interior da sala de aula, nas relações estabelecidas entre alunos e professor-aluno. Uma vez que:

[...] a relação professor-aluno não se limita à apresentação dos papéis diferentes. Uma vez colocados na sala de aula, professor e alunos passam a construir um grupo novo, com uma dinâmica própria, e entre eles se desenvolvem, muitas vezes, intensas relações interpessoais. É nestas que o processo de percepção e avaliação de qualidades pessoais assume uma importância decisiva (LEITE, 2010, p.312-313).

Algo que pouco tem sido praticado em sala de aula, pois alguns professores nem sempre compreendem que formam um grupo com seus alunos e não se sentindo pertencentes ao grupo, não têm suas ações voltadas diretamente ao interesse desse grupo. Desse modo, torna-se difícil fazer com que o professor consiga perceber situações subjetivas dos próprios alunos, bem como considerar em sua prática avaliativa as qualidades pessoais de seus alunos e não somente as qualidades já determinadas pela escola como sendo adequadas.

Vale ainda dar destaque ao final da citação, quando o autor alerta sobre o processo de percepção e a avaliação de qualidades pessoais que o professor faz do aluno a partir das “intensas relações interpessoais” estabelecidas. O professor precisa estar atento a esta influência das relações sobre a avaliação, uma vez que estas podem decidir sua maneira de avaliar o aluno, seguindo critérios como o juízo que o professor faz do aluno. Este é um campo perigoso, pois o professor pode se influenciar por estereótipos e concepções deturpadas sobre o aluno.

Diante da realidade do sistema educacional pensado para um grande número de alunos concentrados por sala de aula e a tentativa de homogeneizar esses alunos, com a padronização da avaliação para todos, em ambas as situações, o professor acaba por classificar os alunos, criando uma divisão no ambiente, que conseqüentemente irá estabelecer aproximação com os “bons alunos” e afastamento dos demais.

Afinal, a educação escolar tenta homogeneizar os alunos, ao valorizar, apenas, as qualidades intelectuais. O que influencia diretamente na prática avaliativa do docente, como nos afirma (FREITAS, p. 40, 2003) “A lógica da avaliação não é independente da lógica da escola.”, assim o docente busca identificar as qualidades determinadas pela escola como desejáveis nos alunos.

Com isso, os que não demonstram essas qualidades intelectuais, são classificados como inadequados aos critérios escolares. Corre-se o risco de nesse processo, o docente, mesmo que inconscientemente, realizar “a avaliação de “valores e atitudes”, que ocorre cotidianamente em sala de aula e que consiste em expor o aluno a reprimendas verbais e físicas, comentários críticos e até humilhação perante a classe, criticando seus valores e suas atitudes.” (FREITAS, p. 42, 2003).

Logo, as relações interpessoais, entre professor-aluno, podem influenciar diretamente no processo avaliativo, pois segundo Freitas (p. 45, 2003), “Os professores, [...] tendem a tratar os alunos conforme os juízos que vão fazendo deles.” Isso pode ser mais comum do que se imagina, pois está dentro do campo das relações interpessoais os humanos simpatizarem mais com uns que outros e até existir as relações de antipatia.

Mas, segundo Leite (2010, p. 315) “O professor precisa é buscar, em cada aluno, as suas qualidades positivas, a fim de provocar o seu desenvolvimento.” Afinal, cada integrante desse grupo, seja professor ou aluno, tem sua identidade construída na interação com o outro, nos conflitos que podem ser resolvidos pelo exercício do diálogo com o outro, no acolhimento das distinções, pois:

[...] é no (re)conhecimento do outro que encontramos novas formas de aprender e saber, manifestado no que difere, tornando-se a procedência de todo o sentido social e cultural já constituído. Seguindo essa lógica, a expressão humana se forma na palavra que movimenta o outro e dialoga com nossa própria formação na busca de conhecimentos, num projetar-se sempre inacabado e de reinvenção com o outro. [...] Assim, ele amplia o conhecimento subjetivo para a intersubjetividade, colocando a relação com o outro antes de qualquer conhecimento racional e conceitual, o que implica responsabilidade e respeito em relação ao outro (sujeito epistêmico) (HABOWSKI, 2018. p. 184).

Para garantir que as relações interpessoais se estabeleçam no convívio da sala de aula é preciso agir com ética para com o *outro*. Reconhecendo no outro seus conhecimentos, validando-os no ato de troca, de dar e de receber o que o *outro* diferente do *eu* pode acrescentar. É um exercício constante de ouvir atentamente tudo o que é externo, recebendo, hospedando, acolhendo sem julgamentos as distinções aparentes no conhecimento do outrem.

Pensando então, em relações interpessoais e em melhores condições para que esta ocorra, a escola parece ser cenário adequado para que se concretizem e por isso, ideal como espaço de pesquisa, mas para tal, é necessário partir da compressão de que a escola não se limita apenas a definição objetiva de espaço de ensino sistematizado do conhecimento, mas também, como ambiente de convívio direto entre sujeitos plurais, portanto, espaço complexo e que possibilita análise sobre as relações interpessoais na escola e mais especificamente em sala de aula, ocasionadas pelo convívio mais direto entre colegas e professor-aluno.

Contudo, não se pode afirmar que seja papel da escola ensinar as relações interpessoais, pois “Com um pouco de exagero, seria possível dizer que ensinar relações interpessoais seria o mesmo que ensinar alguém a respirar. Na verdade, o mundo de tais relações é o nosso ambiente natural, quase tão natural quanto o ar que respiramos” (LEITE,

2010, p. 303). Tal expressão do autor é fundamentada na premissa de que é natural ao homem conviver com seus semelhantes e desde a infância aprender a se relacionar com o outro por meio da observação até dos detalhes mais sutis.

Mas, observando o espaço escolar podemos constatar que em seu interior tanto se estabelecem relações interpessoais, como também, é um espaço que possibilita em seu cotidiano, condições de orientar os estudantes a pensar reflexivamente e os conduzir a solução de conflitos por meio do diálogo.

Por isso, a escola não pode se isentar de cumprir seu papel social, dando um retorno à sociedade, não apenas de profissionais qualificados, mas de sujeitos capazes de conviver respeitosamente uns com os outros. Esse ensinamento pode acontecer no cotidiano escolar, intermediado pelos professores e pela gestão, conduzindo situações que estabeleçam melhores relações interpessoais.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*Sem investigação, não se tem conhecimentos,  
E, sem conhecimentos, não se tem eficiência e qualidade.*

*Luckesi (2011b)*

Neste capítulo será apresentado o método utilizado para realizar a pesquisa e os instrumentos utilizados na coleta de dados. Essa fase define as formas de investigação e obtenção de conhecimentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa, que terá abordagem qualitativa.

Segundo Gatti (2006), o fato de uma pesquisa ser qualitativa, não dá direito ao pesquisador de abandonar o rigor e consistência que uma pesquisa científica deve ter, pois caso abandone-se tais critérios, a pesquisa tenderá ao superficial e até equívocos, tornando-se uma pesquisa falha e sem consistência. Logo, a pesquisa exige do pesquisador rigor na produção de conhecimento.

Tal crítica apontada por Gatti (2006) justifica-se pela ausência de discussões sobre a pesquisa qualitativa, o que tem resultado em pesquisas pouco fundamentadas e com equívocos, como, o fato de definir a pesquisa como qualitativa apenas pelo fato do trabalho não usar dados numéricos. Na verdade, a abordagem qualitativa foi desenvolvida para atender as especificidades para pesquisas das ciências sociais. Desse modo é,

Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 1995, p. 17).

Portanto, a pesquisa qualitativa possui metodologia diferente da quantitativa, porque é pensada de acordo com o objeto da pesquisa, que é de compreender e interpretar os fenômenos humanos e sociais, invés de descrevê-los, como na pesquisa quantitativa.

#### 3.1 Instrumentos de Coleta de Dados

O instrumento para a realização da pesquisa foi entrevista que é um procedimento usual no trabalho de campo. A escolha do instrumento da pesquisa se deu pela definição da temática, que está direcionada as interferências das relações interpessoais na avaliação da aprendizagem a partir da compreensão docente, tornando-se fundamental para a pesquisa

mapear práticas e conflitos no grupo em questão, para obter e compreender com profundidade os dados obtidos.

Utilizamos a entrevista semiestruturada, tendo em vista que esse instrumento pode ter variações em sua estrutura,

Em geral, as entrevistas podem ser *estruturadas* e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista *aberta* ou *não-estruturada*, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as *estruturadas* que pressupõem *perguntas previamente formuladas*. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como *entrevistas semi-estruturadas* (NETO, 1994, p. 58).

Logo, na entrevista semiestruturada, é possível apresentar, inicialmente, perguntas previamente formuladas ao entrevistado e a partir dos dados expostos, principalmente os subjetivos – são os relacionados a valores e opinião do entrevistado – surgir durante os relatos das entrevistadas, novas questões que podem ser aprofundadas no momento da entrevista.

A entrevista foi gravada, para que ocorra em forma de diálogo entre pesquisador e pesquisado. “Uma conversa a dois com propósitos bem definidos”, como afirma Neto (1994, p. 57). A entrevista contou com cinco questões das quais, uma foi fechada e quatro abertas. Foram entrevistadas, três professoras que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, da rede pública do município de Barro, no interior do estado do Ceará.

No projeto inicial, seriam realizadas cinco entrevistas, porém no mês de março do ano de 2020, tivemos conhecimento do Corona Vírus e com isso muitas mudanças ocorreram em tudo que envolve práticas com contato físico entre as pessoas. Ainda em fevereiro, dias antes da notícia sobre a pandemia, duas entrevistas foram realizadas, mas logo em seguida tudo foi paralisado. Somente em julho de 2020 é que a terceira entrevista foi realizada, na casa da professora, participante da pesquisa, em um ambiente externo e arejado, mantivemos o distanciamento de dois metros e usamos máscaras. Apesar de esforços para conseguir as duas entrevistas que faltavam, não tivemos êxito e decidimos então dar continuidade a pesquisa com o material que tínhamos em mãos.

A escolha dos Anos Iniciais tem a intenção de direcionar a entrevista a um perfil de professora, com formação pedagógica. Após a entrevista realizamos a análise dos dados obtidos esperando, ao fim da pesquisa, compreendermos, a partir da percepção docentes, como/se as relações interpessoais estabelecidas em sala de aula interferem no processo de avaliação da aprendizagem.

### 3.2 Procedimentos Éticos

As entrevistadas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. De acordo com o parecer 5102016, serão os princípios:

Art. 4º - O processo de consentimento e do assentimento livre e esclarecido envolve o estabelecimento de relação de confiança entre pesquisador participante, continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, podendo ser obtido ou registrado em qualquer das fases de execução da pesquisa, bem como retirado a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante.

Art. 10 - O pesquisador deve esclarecer o potencial participante, na medida de sua compreensão e respeitado suas singularidades, sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, direitos, riscos e potenciais benefícios.

Art. 15 - O registro do Consentimento e do Assentimento é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (RESOLUÇÃO Nº 510, 2016).

As entrevistadas tiveram suas identidades resguardadas e os dados recolhidos foram utilizados com responsabilidade e fidedignidade, a fim de que, juntamente ao material bibliográfico, que embasou a pesquisa, os objetivos propostos alcançados com qualidade. Para garantir a privacidade das participantes da pesquisa utilizamos nomes fictícios, sem indicações que possam identificar as entrevistadas.

### 3.3 Lócus e sujeitos da pesquisa

A seguinte pesquisa foi realizada com professoras de escolas públicas, no município de Barro-CE. A amostra foi realizada com três professoras que se disponibilizaram a participar obedecendo aos critérios pré-estabelecidos. As participantes possuem faixa etária entre 23 a 45 anos e a destacaremos por nomes fictícios para garantir o anonimato.

A primeira professora entrevistada, que será chamada pelo nome fictício de Amélia leciona em uma escola na zona urbana, que funciona nos horários da manhã e tarde, atendendo em média 200 alunos, com faixa etária de 6 aos 16 anos, do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. A escola conta com uma equipe docente de faixa etária dos 22 aos 60 anos e realiza avaliações bimestrais, contemplando os conteúdos aplicados durante o bimestre, mas a professora garante que realiza avaliação contínua diariamente através das aprendizagens demonstradas pelos alunos. A professora, atualmente, ensina ao 2º ano do ensino fundamental

I. Assumi a sala de aula, apenas com o ensino médio pedagógico em 1994. Tendo hoje 26 anos de atuação na Educação Infantil. Em 1998, prestou concurso e tornou-se efetiva. Em 2007, formou-se em Letras e em 2018 realizou seu sonho pessoal de concluir uma formação em Direito.

Bruna é a segunda professora entrevistada, leciona em uma escola da zona rural, que funciona nos turnos da manhã e tarde, atende em média 170 alunos, com faixa etária de 3 aos 16 anos, tendo a pré-escola e 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Conta com uma equipe docente de faixa etária dos 23 aos 50 anos. A avaliação é acompanhada pela coordenadora de maneira contínua, as avaliações são qualitativas e também quantitativas, aplicadas bimestralmente. A professora atualmente leciona no 4º ano do ensino fundamental I. Atua há 3 anos na Educação Infantil e é graduada em Pedagogia há 1 ano e 6 meses e está especializando-se em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

E Carla, terceira professora, leciona em uma escola na zona urbana, que funciona nos turnos da manhã e tarde, atende em média 300 alunos, com faixa etária dos 6 aos 11 anos, tendo do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I. Conta com uma equipe docente de faixa etária dos 28 aos 66 anos. As avaliações são planejadas de acordo com os conteúdos apresentados e são aplicadas a cada bimestre, além de realizar avaliação contínua. A professora leciona para o 3º ano do ensino fundamental I. Tempo de atuação de 9 anos na Educação Infantil, graduada em Pedagogia há 10 anos e especializada em Planejamento Educacional e Gestão Escolar.

### **3.4 Análise dos dados**

A fase da análise dos dados de uma pesquisa é o momento em que o pesquisador deve buscar uma fundamentação para seguir uma técnica buscando convergir os dados coletados em campo com o aporte teórico utilizado nas questões que moveram a pesquisa. Para isso escolhemos para este momento da pesquisa, trabalharmos com a análise de conteúdo, na modalidade temática, fundamentada em Minayo (1994), com o conjunto de técnicas que busca verificar hipóteses e descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos.

A autora apresenta algumas fases para fazer a análise de conteúdo, como: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na pré-análise, é preciso organizar o material que será analisado, fazendo leitura do material para compreender melhor sua estrutura e, assim, definir suas categorias e extrair trechos significativos.

Na exploração do material, foi aplicado o que foi definido na pré-análise e para isso, se faz necessário a leitura repetitiva do material. Já na fase de tratamento dos resultados, percebemos geralmente princípios quantitativos, mas como a pesquisa apresenta procedimentos da análise qualitativa, caberá por meio da interpretação desvendar as ideologias e tendências presentes no texto analisado.

Minayo (1994) divide a interpretação em dois níveis, sendo o primeiro responsável pelos aspectos de conjuntura socioeconômica e política do grupo social estudado e o segundo nível, por se concentrar nas comunicações individuais, condutas, costumes e rituais que surgem durante a investigação. Assim sendo, a análise deve seguir uma ordem organizada para conseguir alcançar seu objetivo definido.

A análise de conteúdo proposta por Minayo (1994), diz respeito a um conjunto de técnicas que visa, por meio de uma proposta dialética, a interpretação qualitativa de dados. É composta por alguns passos, como: transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos, elaboração de categorias específicas e articulação entre dados e referenciais teóricos da pesquisa.

Ao concretizar o primeiro passo, o pesquisador realizou a transcrição detalhada das entrevistas, priorizando as falas expostas pelos participantes assim como a leitura dessas falas para estabelecer contato com o conteúdo e, ainda, a organização dos dados coletados.

Na concretização do segundo passo, o pesquisador fez questionamentos sobre os dados com o intuito de identificar estruturas relevantes para a criação de categorias específicas. Isso somente foi possível, após a leitura exaustiva das falas das professoras, participantes da pesquisa. Por fim, o terceiro passo, consistiu em estabelecer articulações entre os dados coletados e a literatura até então estudada.

Para darmos continuidade no capítulo seguinte escolhemos para o tópico 4.1 o seguinte tema: Avaliação da aprendizagem e relações interpessoais em sala de aula: dilemas e perspectivas preponderantes para o debate. Esse tema surgiu a partir das falas das participantes da pesquisa. Assim, partiremos para o capítulo de análise dos dados, momento em que nos aprofundaremos um pouco mais, acerca do que as professoras compreendem da temática estudada.

#### 4 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS VOZES DE PROFESSORAS

*O acolhimento integra, o julgamento afasta.  
Todos necessitamos do acolhimento por  
parte de nós mesmos e dos outros.  
Só quando acolhidos, nos curamos.*

*Luckesi (2011a)*

Neste capítulo faremos a análise dos dados coletados em campo e nos concentraremos na conceituação de avaliação da aprendizagem e de relações interpessoais a partir do entendimento das professoras. É sabido que as relações interpessoais se estabelecem entre os sujeitos a partir de seu contato direto dentro dos grupos nos quais convivem, como nos afirma Madalena Freire (1992, p. 59), quando diz que “[...] pode-se falar em grupo quando um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúne em torno de uma tarefa específica”. Sendo assim, um grupo pode ser a família, o trabalho, a igreja, a escola, etc. Como temos estudado nesta pesquisa a sala de aula, falaremos sobre os sujeitos que compõem este espaço.

Uma vez postos dentro desse grupo, professores e alunos interagem entre si e desenvolvem relações diversas. Vale ressaltar que o professor desenvolve relações com cada aluno de maneira diferenciada, pois dentro deste grupo cada aluno vai se destacar a seu modo, alguns se colocando em “casos extremos” enquanto outros nem conseguem se “identificar corretamente” dentro deste grupo como nos afirma Leite (2010).

Seguindo essa lógica, é possível pensarmos que a relação que o professor construirá com o aluno que se destaca por demonstrar interesse pelos conteúdos, que é participativo nas aulas, não será a mesma que construirá com o aluno que não demonstra interesse e que age de modo indesejável perante o esperado pela escola. São duas relações opostas, já que uma trará satisfação ao professor e a outra nem sempre.

Queremos com essa breve introdução chegar ao seguinte ponto, que relações interpessoais podem desenvolver vínculos de amizade, de empatia entre professor-aluno, assim como também pode gerar relações conflituosas e de antipatia, pois estamos falando de pessoas de diferentes comportamentos dentro de um espaço, no qual é comum esperar uma postura uniforme entre os alunos.

#### 4.1 Avaliação da aprendizagem e relações interpessoais em sala de aula: dilemas e perspectivas preponderantes para o debate.

Neste momento da pesquisa falaremos sobre os conceitos atribuídos pelas professoras entrevistadas sobre os temas, avaliação da aprendizagem e relações interpessoais, além de investigar a partir de suas colocações, se e como esses temas se consolidam em sala de aula e como as professoras os vivenciam no cotidiano escolar.

Agora vamos destacar semelhanças e distinções, por meio da análise da fala de cada professora entrevistada, na conceituação dada por estas sobre o tema em questão. Assim perguntamos: O que você compreende por relações interpessoais? Por exemplo, as professoras Amélia e Bruna entendem relações interpessoais da seguinte forma:

São relações que nós desenvolvemos ao longo do tempo entre as pessoas, digamos assim, relacionando aluno-professor né? Nós costumamos desenvolver laços de afeto ou afinidades, né? [...] Além de aluno-professor, mas também toda uma comunidade escolar, com pais, porque é um conjunto. (PROFESSORA AMÉLIA, 2020)

Relação que é trabalhada em sala de aula, tanto por laços de, é, professor-aluno, como também laços de amizade. (PROFESSORA BRUNA, 2020)

Não encontramos um autor que defina a relação interpessoal tal qual às professoras acima citadas, mas para Leite (2010, p. 312), “[...] se desenvolvem, muitas vezes, intensas relações interpessoais” na interação entre professor-aluno em sala de aula. Essa relação pode ser significativamente agradável para o processo de ensino-aprendizagem pelo fato de o professor se sentir bem no convívio com seus alunos e vice-versa. Por exemplo, se o professor elogia as qualidades de um aluno, este tenderá a tornar ainda mais evidente suas qualidades, isso refletirá de modo positivo na aprendizagem e também no ensino, o professor por sua vez, se sentirá ainda mais estimulado a ensinar.

É possível identificar que, para os autores apresentados no capítulo teórico, as relações interpessoais são aspectos fundamentais da vida humana, é viver com os outros e que essa relação direta entre os indivíduos resultem numa troca, como afirma **Madalena** Freire (1992, p. 68) quando diz: “[...] eu não construo nada sozinho, tropeço a cada instante com os limites do outro e os meus próprios, na construção da vida, do conhecimento, da nossa história”.

Particularmente compreendo as relações interpessoais como uma necessidade humana. Basta pensar no nascimento, desde o início de nossa existência passamos a receber cuidados e pelo resto da vida necessitaremos dos outros, pois somos sociáveis, é uma característica

comum a todos nós. Com isso, quero dizer que ensinamos e aprendemos, falamos e escutamos, damos e recebemos e assim nos sentimos alguém com os outros. Coexistimos.

As professoras Amélia e Bruna, passam em suas falas um conceito sobre relações interpessoais como sendo laços de amizade ou afinidades, logo as duas descrevem essas relações como sendo algo bom. E de fato existe essa possibilidade de surgir afinidades, amizades e laços afetivos de maneira positiva, mas é preciso atentar para o fato de existir a possibilidade inversa como a professora Carla apresenta em sua seguinte fala a seguir:

Da mesma forma que pode ser um vínculo prazeroso, ele pode também vir a ser um vínculo com muitas dificuldades, porque nós infelizmente, nós da classe da educação ainda temos alunos resistentes à questão de compreender conteúdos, de aceitar as metodologias de ensino e é como se diz: a escola não se adequa totalmente ao aluno. O aluno também precisa se adequar a conformidade que a escola propõe pra o seu trabalho, então pode ser coisa prazerosa e ao mesmo tempo não prazerosa essa relação interpessoal. (PROFESSORA CARLA, 2020)

A professora Carla, vai um pouco além, pois entende que as relações interpessoais são vínculos existentes entre professor-aluno, atentando para detalhes do cotidiano escolar que interferem diretamente nessa relação fazendo dela algo prazeroso ou não.

São tantos aspectos a se pensar no espaço de sala de aula e na fala da professora Carla cabe tanta reflexão. Começemos, portanto, a pensar nos porquês de alguns alunos se mostrarem resistentes aos conteúdos e as metodologias de ensino, não se adequando a escola. Segundo Leite (2010, p. 313) “[...] embora os alunos sejam diferentes, são avaliados pelo mesmo padrão”. A escola valoriza qualidades intelectuais e nega outras existentes dentre os alunos.

Além disso, segundo Vasconcellos (2014), “O drama é que a avaliação classificatória no interior da escola possibilita a manifestação dos sentimentos mais obscuros e mesquinhos”. Tal prática da escola em nada contribui para o desenvolvimento porque expressa uma divisão entre os alunos – estereótipos - *bons* e *ruins*, estimulando uma progressão nos comportamentos destes, mas a verdade é que a escola pode promover mudanças se tentar repensar a sua prática avaliativa, passando a buscar em cada aluno qualidades desejáveis, que o ponha em papel de destaque invés de simplesmente ressaltar pontos negativos, mas para isso “[...] seria preciso abandonar a ideia de que a escola deve valorizar apenas as tarefas intelectuais, ou de que estas constituam a razão única da sua existência”, como assevera Leite (2010, p. 314). Talvez após a escola promover mudanças efetivas e significativas na prática avaliativa, consiga enxergar mudança na postura dos alunos e até menos resistência.

A segunda pergunta está relacionada ao seguinte questionamento: O que você entende por avaliação da aprendizagem? De acordo com a professora Amélia ela diz que:

Nós temos que avaliar o aluno como um todo, né? Não só uma prova escrita a cada final de bimestre, mas é uma construção constante, no dia a dia, né? Avaliando todo um conjunto. (PROFESSORA AMÉLIA, 2020)

Nesse recorte da fala da professora Amélia fica claro que a mesma não avalia os alunos apenas por meios palpáveis, como ela mesma cita a prova escrita ao final do bimestre, mas avalia todo um conjunto que, para a professora, inclui a participação e o desenvolvimento do aluno.

Já é sabido que é importante avaliar o aluno não apenas por meios palpáveis e isolados para não acabar classificando e excluindo, mas é essencial que o professor tenha muito claro quais critérios vai utilizar quando fala em participação, pois é preciso pensar nos alunos que são mais tímidos, por exemplo, pois como avaliar meu aluno que é retraído e que não tem tanta facilidade para falar em público. Vale ressaltar que é importante sistematizar todo e qualquer meio avaliativo que se opte por fazer uso em sala de aula, como fazer anotação diária da aula, destacando a desenvoltura de cada aluno.

Quando falamos em avaliar o desenvolvimento do aluno se faz mais ainda necessário o entendimento sobre a avaliação, aceitando a realidade como ela é para diagnosticar as dificuldades que precisam ser superadas pelo aluno e os seus avanços. Parece um trabalho difícil avaliar desta forma, porque estamos acostumados a avaliar sem levar em consideração tantos aspectos que fazem com que o aluno avance ou não no que é esperado pela instituição escolar.

Podemos enfatizar que o professor pode ser bastante criativo para determinar os recursos avaliativos que irá utilizar, pois podem ser feitos trabalhos dissertativos, trabalhos de pesquisa, apresentações, como por exemplo, apresentar peças teatrais sobre um tema, diálogo dirigido, gincanas, projetos, enfim, tornar esses momentos leves e prazerosos aos alunos, para que sejam avaliados sem sentir o peso e a pressão da prova que causa, ainda, tanto temor.

A professora Bruna, traz uma definição semelhante à da professora Amélia sobre a avaliação ao afirmar que:

Ela é quantitativa e qualitativa. Sê não tem que ver apenas o que o aluno tira na prova, você tem que avaliar os alunos todos os dias. [...] você tem que avaliar ele é tanto no seu comportamento, tanto nas, na aprendizagem do dia a dia, na sua participação. Então avaliação é algo tanto complexo, né? Como também é um

método de estudar, ver aquele aluno diariamente, não só no momento da prova.  
(PPROFESSORA BRUNA, 2020)

A professora Bruna afirma que a avaliação é algo complexo, isso revela que para a mesma, avaliar está além de simplesmente fazer exames para quantificar o conhecimento do aluno. A observação cotidiana pode ser muito benéfica para o professor assim como para o aluno. Para o professor porque passará a conhecer capacidades e dificuldades do aluno, ajudando a melhorar o desempenho nos estudos e assim potencializar seus resultados.

Isso para o aluno é bastante benéfico porque perceberá a atenção do professor, o que pode fortalecer a relação de confiança entre eles. Além de aliviar no aluno a tensão da avaliação, porque uma avaliação contínua não se limita a provas/exames.

Para a professora Carla, o professor,

[...] tem que avaliar o aluno pelo que ele já sabe, pelo que ele aprendeu, pelas próprias dificuldades que ele demonstra, porque ali é onde você vai trabalhar como facilitar a aprendizagem naquele conteúdo que o aluno não tá conseguindo absorver.  
(PROFESSORA CARLA, 2020)

A fala da professora Carla chama atenção para uma função essencial da avaliação, enquanto “[...] um recurso de ação eficiente tanto no desvendamento quanto na solução de impasses, dificuldades e resistências; isto é, oferece fundamentos para uma ação produtiva” (LUCKESI, 2011b, p. 166). Assim, quando a professora Carla diz, “trabalhar como facilitar a aprendizagem”, está se referindo a avaliação como algo necessário ao professor também e não somente ao aluno. Pois para resolver impasses o professor precisa ter visão de tudo que está envolvido no processo da aprendizagem, como o ensino, algo que é sua competência.

A sala de aula é um espaço de convivência que pode ser bastante conflituoso, pois “[...] uma vez colocados na sala de aula, professor alunos passam a construir um grupo novo, com uma dinâmica própria” (Leite, 2010, p. 312), que envolve muitos personagens com diferentes personalidades e singularidades, podendo assim resultar em discordâncias em diversas situações.

Nesse momento é que incluímos o campo das relações interpessoais e esta pesquisa dialoga sobre essa temática, a partir da relação entre professores e alunos, justamente por esse ser um grupo em que o professor tem que lidar com alunos diferentes entre si. Além disso, é necessário sabermos se essas relações entre professor-aluno interferem na avaliação da aprendizagem partindo da premissa que a avaliação sofre uma histórica distorção de sua função primeira, deixando de cumprir “[...] funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de

controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.” Libâneo (1990, p. 195) para servir por vezes como um meio de quantificar o “saber” ou, ainda para impor autoridade do professor diante do aluno, influenciando a relação entre professor e aluno e comprometendo o processo de ensino aprendizagem.

Assim sendo, se fez necessário recolher dados por meio de entrevistas com essas professoras para, a partir de suas falas, identificar seus conhecimentos e se conseguiram relacionar um tema a outro. Todas as participantes da pesquisa afirmaram que as relações interpessoais interferem na avaliação da aprendizagem e cada uma tem sua colocação diante dessa afirmativa. Segundo a professora Amélia:

[...] vez ou outra, nós exigimos mais daqueles que, por exemplo, que não quis prestar atenção, que tenha maior resistência para participar, nós exigimos mais, isso é verdade. A gente exige mesmo se faz uma avaliação, digamos escrita e não consegue, a gente exige que ele refaça. Isso está interferindo né? Porque a gente diz assim: tá faltando, não quer. Vez ou outra nós saímos do nosso limite e passamos a exigir de uma forma mais rígida, vamos dizer assim né? (PROFESSORA AMÉLIA, 2020)

A fala da professora chama atenção para o modo como o professor tende a responder a postura do aluno em sala de aula. Com isso, é possível verificar que o comportamento do aluno parece instigar a professora a fazer o que Leite (2010, p. 313) chama de “[...] processo de percepção e avaliação de qualidades pessoais [...]”, isso fica evidente no recorte da fala da professora Amélia, “[...] a gente diz assim: tá faltando, não quer.” A professora por meio de sua fala revela o que muitos autores vêm abordando na discussão da avaliação que é o juízo que o professor constrói sobre o aluno a partir de seu comportamento em sala de aula e sua desenvoltura nos conteúdos estudados. É preciso atentar para esse pensamento, pois ainda segundo Leite (2010) este assume uma importância decisiva, uma vez que pode moldar o tipo de relação entre professor-aluno, definindo a proximidade ou afastamento entre eles, o que por sua vez pode interferir na aprendizagem do aluno e, por fim, na sua avaliação.

Ao questionar as professoras com a pergunta: você consegue estabelecer ligação entre os dois temas? Todas afirmaram que sim e foi a partir dessa afirmativa que passamos para a questão seguinte: como você acredita que as relações interpessoais possam interferir na avaliação da aprendizagem? Para a professora Amélia acontece da seguinte forma:

Primeiro que vez ou outra nós exigimos mais daqueles que, por exemplo, que não quis prestar atenção, que tenha maior resistência para participar. Nós exigimos mais, isso é verdade. A gente exige mesmo. A gente exige mesmo, se faz uma avaliação, digamos escrita e não consegue, a gente exige que ele refaça. Isso está interferindo, né? Porque a gente diz assim: tá faltando, não quer. Vez ou outra nós saímos do

nosso limite e passamos a exigir de uma forma mais severa, vamos dizer assim, né?  
(PROFESSORA AMÉLIA, 2020)

Esse recorte da fala da professora chama atenção para como o comportamento do aluno, tem o poder de moldar a maneira como o professor o enxerga – o bom aluno interessado e participativo ou o mau aluno, resistente às regras da escola - e também o tratamento do professor para com o aluno, o que fica claro quando a professora diz que, “[...] saímos do nosso limite e passamos a exigir de forma mais severa”. Vemos aí a relação interpessoal entre professor-aluno se fazendo nesses momentos e ao mesmo tempo interferindo no modo como o professor pode avaliá-lo.

O professor tem de estar atento ao que provoca esses momentos para tentar evitá-los, pois se corre o risco de o professor ressaltar qualidades inversas às que deseja no aluno e provocar um processo contínuo dessas qualidades indesejadas de tal forma que seja muito difícil, reverter esta situação. No campo da avaliação, o professor pode, ainda que inconscientemente, dar maior importância à avaliação do comportamento, recorrendo a esta, como forma de controle sobre o aluno como afirma Freitas (2013), “[...] avaliação do “comportamento” do aluno em sala, é um poderoso instrumento de controle em ambiente escolar, já que permite ao professor exigir do aluno obediência às regras”. Dentro dessa relação conflituosa, o aluno não respeita o professor por admiração ou confiança, mas somente pelo temor do poder inferido ao professor, que é a reprovação, ousado dizer que é o que mais assombra os alunos na vida escolar. Para a professora Bruna, as relações interpessoais interferem na avaliação,

[...] quando o aluno, ele não se dá com o professor, ele tende a se retrair ou então, é, chamar a atenção do professor de forma negativa, é, então eu com meus alunos eu tento fazer, é, ter uma relação harmoniosa, com empatia, [...] porque quando o aluno não se dá bem com o professor, ele tende a não querer estudar, então vai dificultar, vai resultar em notas baixas, ele não vai, vai faltar muito na escola, então toda essa questão das relações interpessoais vai interferir na avaliação da aprendizagem, porque também se o professor é, tiver rixa com o aluno, ele vai querer sempre está diminuindo o seu aluno. (PROFESSORA BRUNA, 2020)

Mais uma vez percebemos a relação interpessoal interferindo na avaliação, pois o aluno retraído ou que chama a atenção do professor evidenciando qualidades negativas vai tornar mais difícil o processo de ensino aprendizagem devido à convivência não harmoniosa em sala de aula. O pior é que uma sequência de ações como faltar às aulas, não querer estudar, prejudica em primeiro lugar ao aluno, pois resulta em notas baixas e tem como consequência

maior o comprometimento da aprendizagem. Existe um momento em que relação interpessoal e avaliação se confundem de tão próximas, que Freitas (2003, p. 42), define por

[...] avaliação de "valores e atitude", que ocorre cotidianamente em sala de aula e que consiste em expor o aluno a reprimendas verbais e físicas, comentários críticos e até humilhação perante a classe, criticando seus valores e suas atitudes.

A conduta avaliativa descrita pelo autor é algo terrível, porém real. Esta avaliação que acontece no campo informal da avaliação segundo o autor citado, é diretamente influenciada pela relação interpessoal. Como o aluno terá confiança em um professor que o diminui? A partir disto todo o resto está comprometido e fadado ao fracasso. A relação entre professor e aluno precisa ser de respeito mútuo, amorosidade e confiança para que tudo ocorra bem no processo de ensino aprendizagem. Tudo isso corrobora para a fala da professora Carla, quando afirma que:

Ela pode interferir de forma, na questão de você não conseguir desenvolver o lado afetivo tanto do professor quanto do aluno, senão, se você não conseguir desenvolver a afetividade, a relação interpessoal, ela não vai acontecer de forma significativa. Vai se tornar uma antipatia tanto do professor para o aluno, quanto do aluno pro professor, e isso acaba prejudicando o desenvolvimento da aprendizagem, não só do aluno em si, mas de toda a turma. (PROFESSORA CARLA, 2020)

Não alonguemos mais a discussão de como a antipatia entre professor-aluno está no campo da relação interpessoal e como reflete na avaliação. Só destaquemos que o modo como a professora fala passa a impressão de que cabe ao professor conseguir ou não desenvolver o lado afetivo. É compreensível que o professor enquanto adulto e sendo, portanto o sujeito mais maduro envolvido nessa relação carregue maior responsabilidade, mas não podemos atribuir apenas a ele toda a responsabilidade.

Também não dá para afirmar que caso a relação seja ruim ela não vá ser significativa, como afirma a professora, pois a preocupação é justamente pelo significado que uma relação ruim na sala de aula pode ter para o aluno e o que isso pode acarretar em sua vida como um todo e não, apenas, no âmbito escolar.

Por fim, chegamos à última questão que busca pôr em foco as vivências das entrevistadas sobre os temas no cotidiano da sala de aula. Para isso foi feita a seguinte pergunta: você já vivenciou a experiência de ser influenciada na avaliação de um aluno pela relação que estabeleceu com ele? A resposta da professora Amélia foi:

Não. Por incrível que pareça, assim, não, né? Eu já tive momento assim de lecionar pra uma grande maioria, assim, de meus sobrinhos, né? [...] também já tive a

experiência, acho que no meu terceiro ano, de dar, ministrar aula pra aluno que foi bem difícil. Um aluno que de certa forma me atingiu, assim, diretamente [...] que numa falta de responsabilidade dos pais, acabou pegando uma arma e matando, foi tiro fatal, um sobrinho meu, né? Que foi bem difícil porque eu quem tive que acudir, tive que levar ao hospital e tudo mais, [...] mas eu consegui ver, olhar, trabalhar as dificuldades dele dentro da escola, mas vendo como aluno. (PROFESSORA AMÉLIA, 2020)

A professora vivenciou experiências diversas, como ensinar aos sobrinhos, mas sem deixar que a relação familiar influenciasse na avaliação de seus alunos, mas a experiência que chama mais atenção e que podemos chamar de prova de fogo foi lecionar para um aluno que acidentalmente tirou a vida de um de seus sobrinhos. A professora demonstrou emoção ao relatar o acontecido, pelo tremor na fala e olhos marejados. É uma situação atípica, mas a professora afirma que vivenciar essa dificuldade ainda no início de sua carreira docente lhe ajudou porque se conseguiu passar por isso, todos os outros obstáculos se tornaram pequenos. Já a professora Bruna, apresenta experiências diferentes. Vejamos a seguir:

Meus alunos para mim era família, é, e muitas vezes isso acaba influenciando. Porque é, de certa forma eu queria estar sempre, sempre ajudando, não só na escola, trouxe até alunos para minha casa é, de forma que eu pudesse auxiliar e, é, eu não queria que eles tirassem notas baixas. [...] essa relação tão próxima do aluno, é, as vezes influencia sim, porque não todos os alunos, mas eu sentia que tinha hora que eu puxava mais para um aluno ou dava mais atenção para aquele aluno, então, tinha hora que eu tinha que tá me corrigindo com relação a isso. (PROFESSORA BRUNA, 2020)

A experiência da professora Bruna, chama atenção porque apresenta duas situações. Se por um lado é perceptível a boa relação da professora ao acolher seus alunos na tentativa de elevar suas aprendizagens, por outro lado mostra que a professora não conseguindo ter o mesmo tratamento com todos os alunos acaba por deixar outros no esquecimento o que, promove a exclusão. É bastante contraditório, devido à complexidade, como dentro de um sistema o professor tem de avaliar a todos os alunos – e estamos falando de salas superlotadas - do mesmo modo, tendo que enxergar a todos de modo homogêneo, quando na verdade o professor influenciado pelas diferentes relações construídas a partir das diversas personalidades dos alunos acaba fazendo distinções no modo de lidar e de avaliá-los.

Para Luckesi (2011a, p. 204) “O ato amoroso é aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ele é)”. Não é ato amoroso quando direcionado apenas a um grupo de alunos selecionados, porque nisto consiste a exclusão dos demais. O professor precisa saber que a amorosidade é a avaliação em si. Porque a avaliação não é julgar o erro do aluno, mas acolher o erro e enxergar nele a necessidade do outro de melhorar, de evoluir e se colocar disponível a

este propósito. A professora Carla contribui com a pesquisa ao citar uma situação vivenciada com um aluno que segundo ela,

A relação dele familiar era muito complicada, era uma família bastante desestruturada, e aquilo fez com que o aluno, ele se desmotivasse pela questão de estudar. [...] é tanto que, pra ele aprender a ler, ele veio aprender a ler no segundo ano, ele já estava fora de faixa etária, já estava com 12 anos, no segundo ano [...] tive que colocar ele nas recuperações. (PROFESSORA CARLA, 2020).

Nessa experiência, a professora expõe a influência de um agente externo à escola influenciando no comportamento do aluno, que é a família. Esse tipo de relato é muito usado por diversos professores. É a velha história de sempre, a escola culpa a família pelo fracasso do aluno e vice-versa. Mas essa discussão não cabe aqui neste momento. Nosso foco é como o comportamento desmotivado do aluno em sala de aula mais uma vez parece definir o modo como o professor enxerga a relação entre eles. Segundo Freitas (2003, p. 45), “Os professores se não forem capacitados para tal, tendem a tratar os alunos conforme os juízos que vão fazendo deles. Aqui começa a ser jogado o destino dos alunos, para o sucesso ou para o fracasso”.

A professora destacou a desmotivação do aluno para o estudo e como resultado disso, o atraso do aluno na aquisição da leitura e que teve que levar este aluno para a recuperação, porém na fala da mesma não nota-se que ela usou a recuperação como punição, mas como uma oportunidade de o aluno recuperar-se - e a palavra é esta mesma – o máximo possível. É importante destacar, ainda, que a professora relatou ter encontrado o aluno já depois de se tornar pai e constituir família e mesmo após tanto tempo agradeceu a professora por não desistir dele e tê-lo levado para a recuperação, porque na recuperação o aluno tirou boa nota.

Neste caso, especificamente, a relação entre a professora e seu aluno, pode ter sido conflituosa naquele momento, mas ao que parece a professora Carla, mesmo sentindo dificuldades para lidar com a situação, soube persistir e resgatar no seu aluno a autoestima e a crença em sua capacidade, quando o mesmo durante a recuperação conseguiu aprender o conteúdo necessário e viu isso refletido em nota.

São muitas as dificuldades que o professor enfrenta em sua atuação docente, mas o essencial é reconhecer que as falhas existentes não estão somente nos outros, mas também em nós, assim a avaliação não será usada para julgar o erro do aluno sem que o professor compreenda todos os elementos envolvidos no processo que determinam o resultado final. A avaliação é um componente do ato pedagógico, logo, não pode nunca se sobressair ao ato pedagógico e nem ser alienada pelas relações interpessoais existentes entre professor-aluno em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Pretendo enunciar que, de fato, a avaliação importa para uma educação digna, para uma escola inclusiva, desde que seu papel não seja o de apresentar verdades autoritárias, mas investigar, problematizar e, principalmente, garantir o acompanhamento individual a todos os alunos.*

(HOFFMANN, 2019a)

Sabendo que a relação interpessoal é um aspecto da vida humana e que ocorre no contato direto entre as pessoas, conseqüentemente esta se manifesta também no espaço escolar, seja entre direção-professor, professor-aluno ou aluno-aluno. Concentramos a pesquisa na relação professor-aluno, porque buscamos analisar como essa relação interpessoal pode interferir no processo de avaliação da aprendizagem a partir da compreensão docente. A discussão é significativa por propor uma reflexão sobre equívocos que são corriqueiros no processo avaliativo.

Sabemos, também, que o tipo de relação que professores e alunos estabelecem entre eles se definirá, a partir da vivência no grupo de sala de aula, sendo influenciada pelo modo como se mostram um para o outro, por meio de suas posturas, como por exemplo, o professor que impõe sua autoridade recorrendo ao poder que lhe é atribuído de aprovar ou reprovar, que julga o erro do aluno e, ainda, lhe deprecia diante da turma, despertará no aluno antipatia por sua pessoa. Do mesmo modo, o aluno que se coloca em evidência por meio de qualidades negativas, poderá influenciar o modo como o professor o enxerga, o influenciando na avaliação. As professoras apontaram a relação interpessoal como algo que pode ser bom, um vínculo de amizade e afinidade, mas também como algo que pode não ser prazeroso, o que demonstra as diferenciações que existem na relação do professor com cada aluno.

Desta forma, diante da problemática a respeito da interferência da relação interpessoal no processo de avaliação da aprendizagem, abordada no presente trabalho e da análise de dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, percebemos que a literatura que discute a prática da avaliação ameaçadora, autoritária e seletiva, revela o quanto essa prática tem se perpetuado no modelo educacional e a resistência da escola em promover mudanças necessárias nessa prática avaliativa para tornar o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, as relações entre os personagens envolvidos, de qualidade mais satisfatória.

Constatamos, também, acerca da avaliação, a discussão sobre a resistência do aluno para adequar-se as regras da escola o que, ainda, provoca conflitos em seu interim. Porém, ao que parece a escola, ainda não mudou sua compreensão sobre o termo conflito, uma vez que entende conflito apenas como ponto negativo. A escola, se partir da compreensão que a educação está para todos e que nesse público existem seres humanos das várias camadas sociais, com diferentes visões de mundo e que cada um é singular e tem subjetividades, verá como algo comum a presença desses conflitos, entendendo que não cabe somente ao aluno adequar-se a escola, mas que a escola, também, precisa adequar-se a sociedade atual para atender suas demandas.

Em suma, a pesquisa nos permitiu verificar que a interferência das relações interpessoais na avaliação da aprendizagem é real e mesmo quando as professoras tem consciência disto, ainda assim parece ser difícil conseguir evitar ser influenciado pela relação que se tem com o aluno no processo de avaliação.

Neste sentido, em virtude dos resultados obtidos, podemos afirmar que as professoras vivenciaram situações em que as relações interpessoais interferiram na avaliação, e as falas confirmam que a teoria está próxima da prática no cotidiano da sala de aula, o que é muito bom porque contribui com a reflexão sobre a realidade para promover melhorias tanto no ensino, quanto na aprendizagem.

A relevância social da pesquisa se justificou por tratar de uma temática essencial que é o processo de avaliação da aprendizagem, permitindo reflexão sobre os equívocos cometidos na prática avaliativa, pondo em foco um dos agentes que interfere na avaliação que é a relação interpessoal entre professor-aluno.

Cabe salientar que a presente pesquisa não esgotou a compreensão sobre o tema, somente buscou levantar questionamentos que permitirão aumentar o conhecimento e a compreensão sobre este, reconhecendo que se faz necessário maior explanação acerca deste tema para contribuir com a comunidade científica, mas podemos afirmar que nossos objetivos foram alcançados de modo que favoreceu um olhar diferenciado para a prática avaliativa de professoras.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. A abordagem qualitativa da pesquisa. In: ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de (Org.) **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: 1995, p. 15-33.
- FREIRE, Madalena. O que é um grupo. In: GROSSI, Esther Pilar, BORDIN, Jussara (Orgs.) **Paixão de Aprender**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992, p. 59-68.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREITAS, Luiz Carlos de. In: FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, Seriação e Avaliação: Confronto de Lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003. p. 40-50.
- GATTI, B. A. **A pesquisa em educação: pontuando algumas questões metodológicas**. Nas Redes da Educação, 2003.
- GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, Ângela. **Representando alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 149-161.
- HABOWSKI, A. C., CONTE, E., PUGENS, N. de B. A perspectiva da alteridade na educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 1, jan./abr. 2018, p. 179-197.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mito e desafio**. 46. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019a.
- LEITE, Dante Moreira. Educação e relações interpessoais. In: PATTO, Maria Helena de Souza (Org.) **Introdução à Psicologia**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 301-327.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990. p. 195-220.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem: componente do ato pedagógico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 51-63.
- BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 de maio de 2016.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação das Aprendizagens: sua relação com o papel social da escola**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 17-55.

## APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES

#### 1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Formação: \_\_\_\_\_ Tempo de formação: \_\_\_\_\_

Especialização: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na Educação Infantil: \_\_\_\_\_

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. O que você compreende por relações interpessoais?
2. O que você entende por avaliação da aprendizagem?
3. Você consegue estabelecer ligações entre esses dois temas?  
SIM ( ) NÃO ( )
4. Se a resposta anterior for sim, como você acredita que as relações interpessoais possam interferir na avaliação da aprendizagem?
5. Você já vivenciou a experiência de ser influenciada na avaliação de um aluno, pela relação que estabeleceu com ele?

## ANEXO A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante

Sou estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras/PB e estou realizando uma pesquisa sob a supervisão da Prof. Dra. Zildene Francisca Pereira (UFCG), cujo objetivo principal é analisar as possíveis implicações das relações interpessoais na avaliação da aprendizagem.

Sua participação envolve uma entrevista que será gravada, contendo quatro (4) questões abertas e uma (1) questão fechada, com o total de cinco (5) questões. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você contribuirá com a produção de conhecimento científico na área educacional, mais especificamente nas discussões voltadas para as implicações das relações interpessoais na avaliação da aprendizagem.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa contatar com a Professora Orientadora Zildene Francisca Pereira, e-mail: [denafran@yahoo.com.br](mailto:denafran@yahoo.com.br) e a Pesquisadora Irineuma Ribeiro da Silva, e-mail: [irineumars@gmail.com](mailto:irineumars@gmail.com).

Atenciosamente,

---

Assinatura da Estudante  
Matrícula: 215230580

---

Assinatura da Professora Orientadora

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante Voluntário(a) da Pesquisa  
RG:

\_\_\_\_\_ de 2020